

O FEITO SEM EFEITO DO FILME SOBRE LULA NAS ELEIÇÕES DE 2010.

The non-effective deed of the movie about Lula in the 2010 presidential elections.

Edir Veiga
Universidade Federal do Pará - UFPa
✉ edirveiga@uol.com.br

A convite do periódico Em Debate aceitei o desafio de discutir em que medida o filme que retrata a vida do presidente Lula poderá influenciar a decisão do voto do eleitorado brasileiro nas eleições presidenciais de 2010.

A pergunta inicial seria: o filme sobre Lula ajudará na transferência de voto para a candidata petista Dilma Roussef nas eleições de 2010? A resposta é não. Numa sociedade cujo sistema eleitoral se sustenta no multipartidarismo e no voto proporcional em lista aberta, não existe uma relação automática de identificação por parte do eleitorado entre um governante bem avaliado e a transferência de votos para um candidato à sucessão. Qualquer afirmação *apriori* em torno de transferência de votos é temerária e incerta.

As últimas pesquisas de opinião pública nos informam que 37% do eleitorado estariam dispostos a votar em um candidato indicado pelo presidente Lula, 50% já saberiam que Dilma é candidata de Lula e, no entanto a pré-candidata, até o presente momento, não ultrapassou os 25% de intenções de votos, ou seja, grande parte do eleitorado cativo de Lula não está declarando a intenção de votar em Dilma, as razões para este comportamento ainda requerem a realização de pesquisas qualitativas para o seu correto

diagnóstico, talvez a desinformação possa vir a ser a variável explicativa deste comportamento, mas não podemos afirmar isso com certeza, aprioristicamente.

Excluindo o período da república oligárquica brasileira (1889/1930), verificamos que a primeira república democrática (1946/1964) não assistiu, em condições competitivas, a transferências de votos em uma eleição presidencial. Dutra venceu as eleições presidenciais de 1945 num contexto de privilégio estrutural organizativo dos partidos de Vargas (PSD/PTB) em relação aos demais contendores. Getúlio se elegeu em 1950 contra Dutra. Juscelino se elegeu após a morte de Getúlio. Jânio se elegeu em oposição ao PSD.

Com o advento da Nova República, a partir de 1985, temos duas experiências que confirmam a hipótese levantada quando vamos analisar a sucessão presidencial recente: de um lado, o plano real elegendo e reelegendo FHC e sendo em seguida, derrotado pelo candidato de oposição Lula em 2002. Este dado histórico recente, ou seja, a eleição e reeleição de FHC e a posterior derrota para Lula, deixa em aberto qualquer prognóstico em torno da probabilidade de Lula, já reeleito em 2006, vir a transferir votos para a sua candidata a presidente. Candidata esta que ainda não foi testada eleitoralmente

Parece que, perante o eleitorado brasileiro que convive com um sistema eleitoral de voto proporcional com lista aberta, não vem ocorrendo a transferência de prestígio. Assim ocorreu com FHC em 2002, e assim pode vir a ocorrer com Lula em 2010. O que prevaleceu em 2002 foi a emergência da síndrome da “bola da vez”. Lula, depois de disputar três eleições consecutivas transformou-se na bola da vez em 2002, e este fenômeno pode vir a se repetir com Serra em 2010, para além da avaliação do governo e do presidente. A síndrome da “bola da vez” que se caracteriza pela existência de um nome de amplo conhecimento popular e que possui uma sólida base partidária articulada nacionalmente vem prevalecendo no processo sucessório presidencial brasileiro.

Feitas estas considerações de ordem teórica fundadas na empiria acerca da eleição presidencial brasileira, passemos a considerar alguns aspectos do filme sobre Lula que poderiam incidir sobre o processo sucessório de 2010.

Parece claro que serão as variáveis políticas, as regras institucionais, o potencial eleitoral, a história administrativa individual dos candidatos e a

avaliação de governo que terão papéis preponderantes na decisão do voto nas eleições presidenciais de 2010.

O filme sobre o presidente Lula por certo melhorará a percepção que o eleitorado, que vier a assistir o filme, terá do seu presidente, mas não significa, por outro lado, que esta boa percepção é condição suficiente para garantir a transferência de voto.

Mesmo para um eleitorado, que votaria numa hipotética segunda reeleição de Lula, não podemos afirmar que este migraria para a candidatura Dilma, mesmo que todos assistissem a este filme e soubessem que Dilma é a candidata de Lula. Esta hipótese é sustentada pelo fato de que a grande maioria do eleitorado brasileiro não é politizada, não confia nem nos partidos e nem na classe política e não acompanha ordinariamente o mundo da política, dos governos, e como tal, dificilmente dará um “cheque em branco” para uma debutante em política como a candidata Dilma Rouseff.

Esta caracterização da sociedade brasileira em relação aos partidos, aos políticos e à política parece que vem assolando toda a sociedade democrática ocidental, porém estas características são agravadas pelo desenho institucional de nosso sistema eleitoral e partidário e pelo grau da desigualdade social brasileira que contribui para a conformação de um *demos* inundado pelo reino das necessidades humanas prementes.

Por outro lado, os votos “alavanca” de Lula colocarão Dilma como uma candidata competitiva, capaz de, apoiada por uma ampla coligação eleitoral, governamental e midiática, vir a chegar ao segundo turno com potencial de vitória eleitoral. Seguramente o casamento da candidatura Dilma com o governo Lula e com a figura do presidente, o bom desempenho da economia e a capacidade da candidata lulista no palanque eletrônico poderão transformá-la em “osso duro de roer” para as pretensões da candidatura do governador de São Paulo em chegar ao Palácio do Planalto. Mas hoje, eu diria sem pestanejar, baseado nos pressupostos enunciados, que as chances de José Serra chegar à presidência do Brasil são bem maiores do que as de Dilma Rouseff.

Portanto, dada a qualidade do principal candidato de oposição nas eleições presidenciais, a falta de portfólio político individual de Dilma Rouseff, o desenho institucional do sistema eleitoral e partidário brasileiro e o distanciamento da população em relação à política e aos políticos, podemos afirmar com boas probabilidades de acerto, que no Brasil, as chances de

transferência de voto, em montante capaz de eleger um candidato, em uma eleição presidencial, são de difíceis prognósticos e desconhecido um caso semelhante na história republicana brasileira.

Afirmados estes pressupostos teóricos e empíricos, acredito que o potencial de influência do filme: *Lula o Filho do Brasil* é insignificante no processo sucessório brasileiro de 2010. O que não significa que Dilma não possa vir a se eleger presidente, mas o será fundamentalmente pela capacidade da coligação eleitoral governista em construir artificialmente uma percepção popular de que Dilma representa a continuidade do projeto lulista em curso, e naturalmente com o bom desempenho individual no palanque eletrônico da candidata governista. Jamais como uma transferência de votos em consequência de uma possível mitificação cinematográfica de Lula.